

## TECNOLOGIA, YOUTUBE E PÓS-MÉTODO: MUDANÇAS NO ENSINO DE LE TECHNOLOGY, YOUTUBE AND POST-METHOD: CHANGES IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING

Recebido: 16/02/2023

Aprovado: 06/06/2023

Publicado: 04/07/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i1.3156

Nayra de Paiva Oliveira<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3055-9131>

Diego do Carmo<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6112-1178>

Daniele Rodrigues Nunes<sup>3</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3000-4673>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é analisar um vídeo do Youtube com uma microestratégia para a explicação do verbo *to be*. A análise foi baseada na macroestratégia ativar a intuição heurística dos princípios do pós-método de ensino de Língua Estrangeira de Kumavadivelu (2003). O autor explica que os métodos de ensino de Língua Estrangeira não funcionam e nunca funcionaram, por isto, ele propôs o pós-método com parâmetros e princípios para um ensino profícuo de línguas. Os seus princípios são estruturados em parâmetros, a visão geral do ensino, as macroestratégias, princípios com ênfase em algum aspecto da língua e microestratégias, a parte prática do ensino com a explicação e atividades de ensino e aprendizagem. Com o avanço da tecnologia, Lévy (1999) afirma que ocorreram muitas mudanças no ensino. É possível perceber que muitos professores, não ensinam a língua apenas de forma presencial em salas de aulas físicas, mas também nos meios virtuais e não exclusivamente em plataformas educacionais com acesso restrito, porém em plataformas de vídeo abertas e gratuitas como o Youtube. Para esta análise foi selecionado um vídeo com o conteúdo de explicação sobre o verbo *to be*, por ser um conteúdo básico e muito alunos, segundo Barcelos (2011), dizem que o veem todo ano e mesmo assim não sabem. A explicação foi transcrita com o foco na explicação (microestratégia) do professor e analisada segundo os princípios

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras - Italiano pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2009), graduação em Letras - Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2014), graduação em Psicologia pela Universidade Norte do Paraná (2018) e mestrado em Letras (Língua e Literatura Italiana) pela Universidade de São Paulo (2016), atuando principalmente nos seguintes temas: língua inglesa, ensino, música, infância e aquisição de idiomas. Atualmente faz doutorado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: [nayrapaiva@hotmail.com](mailto:nayrapaiva@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Geografia pela UNIOESTE - Francisco Beltrão. Mestrado em Geografia pela UNIOESTE - Marechal Cândido Rondon (2022). Graduado em Geografia pela Universidade Norte do Paraná (licenciatura em 2018). Graduado em Letras Português/Italiano pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (licenciatura em 2019), Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (2022). Fez parte do PIBIC de 2017-2018. Membro do Observatório da Educação 2017. Foi colaborador da I e II Mostra de Cinema e Debate Sobre Racismo, Preconceito e Segregação Racial em (2017-2018); pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); um projeto sequencial. É professor do Cursinho Pré-Vestibular da UNIOESTE (CAMPUS - Cascavel) desde 2018. Atualmente professor de Geografia e Língua Portuguesa na Secretária de Educação Estadual - SEED e SEMED. Faz parte do grupo pioneiros do Programa Residência Pedagógica atuando na Alfabetização e Letramento. Tem experiência na área de Geografia, atuando em dinâmicas territoriais e Usinas Hidroelétricas. Atua também no ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E-mail: [diegodocarmo24@hotmail.com](mailto:diegodocarmo24@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel na área Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino; Especialista em: Docência do Ensino Superior pela FAVENI (2019-2022); Metodologia do Ensino da Língua Inglesa pela FAVENI (2019-2022); Metodologia do Ensino da Língua Espanhola pela FAVENI (2019-2022); Graduação em andamento Letras EAD - Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais - Libras e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Céu Azul. Licenciada em Letras com habilitação em Português, Espanhol e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Cascavel - (2016-2020); Bacharel em Física pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus Ji-Paraná - (2010-2014). E-mail: [drnunesjp@gmail.com](mailto:drnunesjp@gmail.com)

da macroestratégia para ativar a intuição heurística, que aborda aspectos estruturais do ensino de língua.

**Palavras-chave:** Pós-método; Língua Estrangeira; Ensino.

**ABSTRACT:** The aim of this study is to analyze a YouTube video employing a microstrategy for explaining the verb "to be." The analysis was grounded on the macrostrategy of activating the heuristic intuition of the post-method principles for Foreign Language teaching as proposed by Kumavadivelu (2003). The author argues that foreign language teaching methods have been ineffective, prompting him to introduce the post-method with parameters and principles for effective language instruction. These principles are structured into parameters, an overview of teaching, macrostrategies, principles emphasizing certain linguistic aspects, and microstrategies, which cover the practical side of instruction with explanations and learning activities. With technological advancements, Lévy (1999) asserts that there have been significant shifts in education. It is evident that many teachers no longer restrict instruction to physical classrooms but extend it to virtual platforms—not exclusively on private educational platforms, but also on open and free video platforms like YouTube. For this analysis, a video detailing the explanation of the verb "to be" was chosen due to its foundational nature and the fact that many students, as pointed out by Barcelos (2011), claim to see it every year, yet remain unfamiliar with it. The explanation was transcribed, focusing on the teacher's (microstrategy) elucidation and then assessed based on the macrostrategy principles to activate heuristic intuition, which addresses the structural aspects of language teaching.

**Keywords:** Post-method; Foreign language; Teaching.

## Introdução

Desde seu surgimento, o ensino de Língua Estrangeira, doravante LE fomentou diversos métodos com o objetivo de ensinar outra língua de forma profícua. Leffa (2016) apresenta o percurso histórico de métodos e abordagens de ensino e aprendizagem, explicando desde o método de gramática e tradução, passando pelo método direto, método áudio lingual chegando à abordagem comunicativa e ao pós-método.

Não obstante, o autor afirma: “um fator ainda não estabelecido no ensino de línguas é até que ponto a metodologia empregada faz a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem” (LEFFA, 2016, p. 41) e assevera que, muitos aprendem independentemente da metodologia utilizada pelo professor.

Brown (2002) manifesta que depois de anos de pesquisa, surgiu o consenso de que os métodos separadamente não funcionam e não são o marco do ensino de Língua Estrangeira. Isto porque, como esclarece a autor, os métodos generalizam a prática, que é específica de cada contexto e cada processo de ensino e aprendizagem é diferente.

O autor então sugere que sejam utilizadas abordagens, que seriam menos rigorosas quanto ao formato de ensinar. Uma abordagem, deveria desenvolver no aluno competências para se comunicar no mundo real. O autor apresenta a

abordagem a comunicativa. Não obstante, após a abordagem comunicativa, emergiu o pós-método.

Todavia, Leffa (2016) explica que as abordagens e métodos são monolíticos e dogmáticos. Em geral, o autor explica que nos métodos a forma de ensinar ou está tudo certo ou tudo errado, não existe um meio termo e os professores na prática precisam decidir se, por exemplo, farão exposição da gramática ou não, darão ênfase na fala ou a escrita, utilizarão material autêntico ou não, etc., e afirma: “daí que a história do ensino de línguas tem sido comparada por alguns metodólogos aos movimentos de um pêndulo, balançando sempre de um lado a outro; uma constante sucessão de tese e antítese sem jamais chegar à síntese”. (LEFFA, 2016, p. 42)

Para resolver estes dualismos, Leffa (2016) pontua que pesquisadores de métodos propõem o “ecletismo inteligente”, em que o docente, baseado em sua experiência profissional, seleciona de cada método o que é melhor para seu contexto de sala de aula.

Entretanto, Kumaravadivelu (2008) assevera que o ensino de LE precisa modificar, abandonando completamente a adesão e utilização de métodos ou abordagens como garantia para a aprendizagem. O autor então propõe o que ele chama de pós-método, que senão o mesmo, não é um novo método de ensino, mas uma visão diferente para que alunos e professores no seu contexto de atuação consigam aprender e ensinar uma LE.

O contexto que muito professores e alunos estão inseridos é o da tecnologia, inclusive muitos professores de LE ensinam inglês por meio da plataforma Youtube. Por isto, este trabalho apresentará uma explicação sobre o pós-método de Kumaravadivelu (2003), em seguida abordará questões sobre a tecnologia e o Youtube e por fim será analisado um vídeo com uma aula de inglês de um professor na plataforma.

## **1. Pós-método: macroestratégia de ativação da heurística intuitiva**

Kumaravadivelu (2008) e Kumaravadivelu (2003) apresenta os pressupostos do pós-método. Segundo o autor o pós-método não é uma alternativa aos métodos existentes, mas, um princípio de ensino para a LE. Ele afirma que os métodos não funcionam e não devem ser utilizados. Por isto, o autor declara “morte aos métodos” e ratifica a necessidade de parâmetros diferentes de ensino e aprendizagem de

Língua Estrangeira, este momento Kumaravadivelu (2003) chama de pós-método. Leffa (2016) declara:

Numa época em que predomina o prefixo “pós” (pós graduação, pós-modernidade, pós-humano) seria de se esperar que esse prefixo chegasse também ao ensino de línguas, o que realmente aconteceu com a cunhagem do termo “pós-método”, proposto e desenvolvido por Kumaravadivelu (1994, 2001, 2003, 2006a, 2006b) (LEFFA, 2016, p. 40).

O principal representante do pós-método é Kumaravadivelu (2003) e Kumaravadivelu (2008). A ideia fundamental do autor é mostrar que os métodos de ensino de LE nunca funcionaram e não funcionam. Ele afirma que os métodos são puramente teóricos e ideais, por isso, declara “morte aos métodos” e propõe princípios para um ensino profícuo.

Seus princípios são divididos em parâmetros, macroestratégias e macroestratégias. Os parâmetros de Kumaravadivelu (2008) são três: particularidade, praticabilidade e possibilidade. A particularidade envolve ensinar entendendo o contexto em que estão inseridos professores e alunos e assim identificar, analisar e resolver o problema de acordo com as necessidades locais. A praticabilidade é a conexão entre teoria e prática, o autor explica que as teorias devem ser baseadas nas experiências dos professores e não devem apenas ser “lançadas” para que os profissionais apliquem atividades que estão fora de sua realidade. O correto é que professores sejam ajudados a desenvolver conhecimento, habilidade, atitude e autonomia necessária para construir seu próprio contexto de teoria a partir da sua prática.

Sobre a possibilidade, Kumaravadivelu (2008) utiliza as teorias de Paulo Freire para sua fundamentação. Ele explica que o ensino, e conseqüentemente o ensino de LE, está ligado às relações de poder e domínio social. À vista disto, as aulas precisam auxiliar alunos a construírem suas subjetividades de forma crítica e assim serem motivados a questionarem seu estado sujeito, compreendendo que o ensino de LE está ligado à ideologia do contexto social de língua materna e esta relação gera conflitos. Neste sentido, a LE torna-se um instrumento de transformação social.

Para Kumaravadivelu (2008),

*The postmethod condition is a sustainable state of affairs that compels us to fundamentally restructure our view of language teaching and teacher*

*education. It urges us to review the character and content of classroom teaching in all its pedagogical and ideological perspectives. It drives us to streamline our teacher education by refiguring the reified relationship between theory and practice. In short, it demands that we seriously contemplate the essentials of a coherent postmethod pedagogy. (KUMARAVADIVELU, 2008, p. 171)*

Ainda sobre os parâmetros do pós-método, Kumaravadivelu (2003) propõe 10 macroestratégias: 1) maximizar as oportunidades de aprendizagem, 2) minimizar desencontros perceptuais, 3) facilitar interação negociada, 4) promover autonomia na aprendizagem, 5) estimular a consciência linguística, 6) ativar a intuição heurística, 7) contextualizar insumo linguístico, 8) integrar habilidades linguísticas, 9) assegurar relevância social, 10) aumentar a consciência cultural. As macroestratégias, para o autor, são as atividades de sala de aula.

Para análise do vídeo da aula de língua inglesa, foi selecionada a macroestratégia referentes ao ensino da estrutura (gramática) da língua que é ativar a intuição heurística. No entanto, Kumaravadivelu (2003) afirma que suas macroestratégias não são para serem utilizadas como conjunto de regras para ensinar, elas são princípios que gerem o ensino e são acionadas em conjunto, porém, em algum momento da aula, um aspecto do ensino será evidenciado.

Com relação a ativar a intuição heurística, Kumaravadivelu (2003, p. 176) explica primeiro sobre a heurística: *“in educational contexts, heuristics refers to the process of selfdiscovery on the part of the learner”*. No ensino e aprendizagem de uma outra língua, a heurística envolve proporcionar um ambiente linguístico, para Kumaravadivelu (2003), rico para que seja possível o aluno ativar suas habilidades e entender o sistema linguístico sozinho.

Esta macroestratégia estaria ligada com a anterior, conforme enfatiza Kumaravadivelu (2003) que é estimular a consciência linguística. Antes de apresentar o sistema da LE a consciência linguística deve ser estimulada para que o aprendiz entenda os recursos que regem o uso da língua no âmbito linguístico, sociolinguístico, político e social. Com esta compreensão, então seria possível ativar a intuição heurística. Estas duas macroestratégias estariam relacionadas:

*That is to say, one can increase one’s language awareness by attempting to discover the rules and patterns of the linguistic system, and, conversely, one can enhance one’s capacity to discover the linguistic system by increasing one’s language awareness. (KUMARAVADIVELU, 2003, p. 177)*

Sobre ativar a intuição heurística, Kumaravadivelu (2003) explica que a língua é organizada por sistema organizado por meio de regras, por exemplo: regras fonológicas, sintáticas, semânticas e todos estes sistemas são estruturados por regras, porém, professores e alunos associam as regras rígidas à gramática. Por isto, o autor afirma que discute esta macroestratégia com referência ao ensino de gramática.

Para Kumaravadivelu (2003) um consenso sobre como ensinar a gramática sempre foi debatido e até o momento, em que ele escreveu, não foi alcançado. Ele explica que o ensino dedutivo e indutivo da gramática sempre coexistiu, sendo utilizados em diferentes proporções, todavia, utilizar exemplos nas aulas antes de explicitar as regras é o que Kumaravadivelu (2003) sugere, com o objetivo de envolver o aprendiz em uma conversação significativa.

Com relação ao ensino de gramática dedutivo e a heurística, Kumaravadivelu (2003) explica que no geral, esta forma de ensinar envolve explicitar as regras gramaticais e fazer exercícios e por fim utilizar as estruturas aprendidas para falar, escrever. Não obstante, o autor pontua que linguistas estudiosos da língua, muitas vezes não conhecem todas estruturas e funcionamento de regras sendo mais difícil para o professor e aluno conseguirem compreendê-las, mesmo que, no ensino de LE, esta gramática, seja o que Kumaravadivelu (2003) chama de gramática pedagógica, regras selecionadas e simplificadas para atender as necessidades dos aprendizes.

Mas ainda assim, Kumaravadivelu (2003) assevera que esta gramática pedagógica não é simples e o ensino dedutivo é limitado quando refere-se a ativação da heurística intuitiva e justifica:

*The reason is simple: it encourages very little teacher-learner interaction and almost no learner-learner interaction that is necessary to create an environment conducive to self-discovery. Once a grammatical rule is explicitly stated, the natural tendency of the learners will be not to think about its underlying rationale - a tendency that might lead to a superficial knowledge rather than a sound understanding of the rule. (KUMARAVADIVELU, 2003, p. 184)*

O autor complementa dizendo que esta é razão pela qual muitas vezes o aluno consegue explicitar a regra gramatical, mas não consegue utilizá-la fora da sala de aula em um contexto real de comunicação.

Sobre o ensino indutivo da gramática, Kumaravadivelu (2003) explica que é baseado em ajudar o aprendiz a descobrir as regras da língua. Desta forma, o

professor apresenta exemplos contextualizados do conteúdo gramatical e destaca a atenção dos alunos para que percebam as diferenças e guia para que vejam o padrão. Também evitam a descrição e explicação explícita da gramática e diminuem o uso de termos técnicos, principalmente para os iniciantes.

Destarte, os aprendizes analisam os exemplos e tentam desenvolver uma hipótese sobre o funcionamento da gramática, que depois pode ser confirmado ou rejeitado baseado em informações adicionais e experiência com a língua, como explica Kumaravadivelu (2003). E o ensino indutivo é adequado para ativar a heurística intuitiva do aprendiz.

Ao aprender de forma indutiva, Kumaravadivelu (2003) explica que o aluno tem a oportunidade de ter contato com diferentes exemplos da gramática em situações reais; o ensino indutivo pode ajudá-lo a inferir as regras e princípios de uso comunicativo das estruturas da língua, e assim, a gramática pode ser vista como algo funcional e que pode ser utilizado na prática. Com o ensino indutivo é possível que o aluno entenda sistema da LE na sua totalidade além de compreender melhor o sistema, visto que, os alunos foram participantes na descoberta das regras gramaticais.

Kumaravadivelu (2003) enfatiza que não é proibido explicitar as regras gramaticais, não obstante, o que deve ser analisado é o que é mais eficaz, apresentar primeiro as regras ou exemplos contextualizados e afirma que é possível balancear o uso indutivo e dedutivo. Para esta discussão, o autor apresenta o *input enhancement*, aprimoramento de entrada – em tradução livre, e sua relação com a heurística intuitiva. O *input enhancement* apresenta relação direta com o aumento da consciência linguística e percepção da lacuna.

O aumento da consciência linguística, é chamar a atenção do aluno para que ele perceba as características gramaticais da LE. Para Kumaravadivelu (2003) o aumento da consciência linguística se diferencia do ensino da gramática nos métodos tradicionais primeiramente porque seu objetivo é desenvolver a competência gramatical e não apenas inculcar a competência no aprendiz. E continua:

Em segundo lugar, o C-R [aumento da consciência] trata um foco explícito na gramática como necessário, mas não suficiente para desenvolver a competência gramatical, enquanto o ensino de gramática tradicional o trata como necessário e suficiente. Em terceiro lugar, C-R reconhece o papel ativo do aluno na construção da gramática; o ensino de gramática tradicional considera o aluno tabula rasa, uma lousa em branco. Finalmente, o ensino da gramática tradicional se preocupa principalmente com a sintaxe,

enquanto o C-R se preocupa com a sintaxe e sua relação com a semântica, o discurso e a pragmática. (KUMARAVADIVELU, 2003, p. 187)<sup>4</sup>

Sobre percepção da lacuna, o autor aponta como crucial para o aluno progredir na aprendizagem. Esta percepção da lacuna, Kumaravadivelu (2003) explica que é ter a consciência do que aprendeu e que ainda existem conteúdos para serem aprendidos e esta percepção sensibiliza o aprendiz com relação a como o sistema linguístico funciona.

Estes elementos apresentados são fundamentais para a ativação da heurística intuitiva. No entanto, Kumaravadivelu (2003) explica que, o aprendiz de LE não consegue fazer algumas destas relações da estrutura da língua sozinho, é necessário que o professor organize nas aulas momentos para desenvolver esta macroestratégia, por exemplo, com vários exemplos para que os alunos formulem suas hipóteses, promovendo a interação significativa com as estruturas linguísticas. Após esta contextualização é possível que o aluno consiga perceber as lacunas na sua aprendizagem para completa-las.

Ainda sobre o *input enhancement*, Kumaravadivelu (2003) apresenta duas teorias do ensino da gramática de LE: *grammar tasks*, tarefas de gramática – em tradução livre, exposta por Rod Ellis e *pedagogic tasks*, tarefas pedagógicas – em tradução livre, exposta por Michael Long.

*Grammar tasks*, para o autor envolve apresentar muito exemplos para os alunos, exemplo de formas e formatos diferentes: textos, frases, frases certas, erradas, material autêntico, não autêntico, textos escritos, orais, etc. O importante é que o aluno consiga interagir com esse material e fazer análise do mesmo da seguinte forma: identificando, julgando, completando, modificando, ordenando, relacionando, fornecendo as regras. (KUMARAVADIVELU, 2003)

Com relação as *pedagogic tasks*, Kumaravadivelu (2003) explica que o objetivo é auxiliar o aluno para que ele perceber as lacunas na sua aprendizagem e desenvolva a consciência linguística, porém, a gramática é apenas explicitada se for absolutamente necessário para a comunicação e de negociação do sentido em sala de aula. Primeiro o sentido é explorado no contexto comunicativo e se houver

---

<sup>4</sup> *Second, C-R [Consciousness-Raising] treats an explicit focus on grammar as necessary but not sufficient for developing grammatical competence whereas traditional grammar teaching treats it as necessary and sufficient. Third, C-R acknowledges the learner's active role in grammar construction; traditional grammar teaching considers the learner tabula rasa, a blank slate. Finally, traditional grammar teaching is concerned mainly with syntax, while C-R is concerned with syntax and its relation to semantics, discourse, and pragmatics. (KUMARAVADIVELU, 2003, P. 187)*

necessidade a estrutura é mencionada. Sobre *grammar tasks* e *pedagogical tasks* Kumaravadivelu resume:

*It is fair to assume from the above discussion that grammar tasks and pedagogic tasks offer two complementary types of input enhancement. Together, they can help teachers to meet the needs of learners with different learning styles and learning purposes. They carry the potential to assist teachers in their attempt to activate their intuitive heuristics by raising learners' awareness of linguistic features and language use (KUMARAVADIVELU, 2003, p. 194).*

Após falar sobre ativar a intuição heurística Kumaravadivelu (2003) apresenta algumas macroestratégias (atividades) em que mostra possibilidades para a prática da macroestratégia. O objetivo do autor é apresentar formas de ensinar que atendam as necessidades dos alunos que estão em sala de aula na atualidade. Leffa (2016, p. 63) afirma: “o momento atual é de um grande interesse na educação, de um modo geral, e de uma revitalização do ensino de línguas”.

## **2. Tecnologia e Youtube: a nova sala de aula de LE**

Leffa (2016) autor afirma que a língua está se modificando no mundo de tecnologia que vivemos. Ele explica que a transformação de informação, antes apenas em material impresso, hoje compactados e armazenados em grande quantidade em computadores ou na internet, trará mudanças para a educação e conseqüentemente para o professor. Entretanto, Leffa (2016) assevera que o professor sempre estará presente para ensinar:

A máquina não poderá substituí-lo, mas poderá ajudá-lo na sua interação com o aluno. Acho equivocada a ideia de que no futuro estaremos interagindo com máquinas. A máquina servirá apenas como um instrumento para realçar a ação do professor, tanto para o aspecto positivo como negativo. Além da máquina, estará sempre o aluno. Se o professor for bom o benefício será grande para o aluno; se for ruim, o prejuízo também será enorme (LEFFA, 2016, p. 64).

A tecnologia está presente no cotidiano das pessoas, porém, como o professor e alunos utilizam será o diferencial para uma aprendizagem profícua. Leffa (2016) explica que desde do estabelecimento das aulas de Língua Estrangeira no Brasil o professor foi considerado culpado pelo fracasso no ensino. Com o surgimento das máquinas inteligentes, o autor afirma que muito acreditaram que

seria o ideal para aplicar os métodos e garantir a aprendizagem, porém, percebeu-se que a máquina não é confiável, não considera as variáveis do contexto, não é criativa, criativa e não apresenta comprometimento com a educação (LEFFA, 2016).

Com estes pressupostos, conclui-se “que o professor não é o problema, mas a solução e que há um retorno maior investindo no professor e no seu aperfeiçoamento do que na metodologia” e ainda: “as novas tecnologias não substituem o professor, mas ampliam seu papel, tornando-o mais importante” (LEFFA, 2016, p. 65).

Além de utilizarem, na sala de aula física, recursos tecnológicos, muitos professores atualmente estão “na” tecnologia ensinando, através dela, sem ter uma sala de aula, no sentido tradicional. Por exemplo, os professores de inglês que dão aulas na plataforma Youtube. Antes da década de 70, Barcelos (2011) explica que o ensino de inglês como LE estava restrito, quase que exclusivamente, às escolas regulares.

Porém, a partir dos anos 70 as escolas de idiomas cresceram e se intensificaram. Como explica Barcelos (2011), o contexto era de presença dos norte-americanos no Brasil com o objetivo de disseminar sua língua e cultura. Desde então, estas escolas têm ganhado força e existe a ideia, segundo o que Barcelos (2011) relata em suas pesquisas, que não se aprende inglês na escola regular, apenas em uma escola especializada no ensino da língua. A partir de então firmou-se a dicotomia sobre onde se ensina inglês: escolas regulares versus escolas de idiomas.

Não obstante, existem alternativas, por exemplo, existem escolas regulares bilíngues e cursos de inglês não presenciais, uma opção às escolas de idiomas. Além disto, muitos professores ensinam inglês, de forma gratuita, na plataforma Youtube. Sobre as tecnologias e internet Marcuschi (2005, p. 11, apud. ALMEIDA & HONÓRIO 2019, p. 70) enfatiza: “se até ontem parecia um luxo dedicar-se ao ensino dos usos da Internet, hoje é uma necessidade, pois esta tecnologia tornou-se irreversível e invasora de todos os ambientes”.

O mundo mudou consideravelmente nos últimos anos, e para o autor, que escreveu no século XX, ocorreu, o que ele chama de revolução cultural, com mudanças relacionadas à inserção da tecnologia na vida das pessoas. Lévy (1999) explica que a tecnologia modifica as funções cognitivas do ser humano, tais como, a memória, imaginação, percepção e raciocínio e ainda permite novas formas de

acessar informações e até mesmo novas formas de raciocínio. O autor explica que a demanda por uma formação, falando em educação de modo geral, está aumentando e por não dar conta de suprir as necessidades educacionais, será cada vez mais necessário utilizar a tecnologia para auxiliar e sugere:

Audiovisual, "multimídia" interativa, ensino assistido por computador, televisão educativa, cabo, técnicas clássicas de ensino a distância repousando essencialmente em material escrito, tutorial por telefone, fax ou Internet... todas essas possibilidades técnicas, mais ou menos pertinentes de acordo com o conteúdo, a situação e as necessidades do "ensinado", podem ser pensadas (LÉVY, 1999, p. 170).

Lévy (1999) ainda indica que as universidades presenciais necessitam de mais infraestruturas e geram custos muito maiores do que universidades virtuais. Este local virtual onde ocorre produção e difusão de informações, entretenimento e também cultural Lévy (1999) nomeia ciberespaço. Couto Júnior (2012, apud. Silva 2016) explica que no ciberespaço estão presentes diferentes tipos de jovens que utilizam materiais virtuais para aprenderem até mesmo conteúdos do currículo da escola por meio do Youtube e suas vídeos aulas.

Com o uso da tecnologia, segundo Lévy (1999) houve mudança qualitativa na aprendizagem e conseqüentemente no ensino. Desta forma, a aprendizagem é cooperativa, professores e alunos compartilham conhecimento e aprendem uns com os outros, compartilhando recursos que conhecem.

A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p. 171).

Se uma pessoa escrever no site de pesquisa Google: "curso de inglês" poderá ver nas repostas uma infinidade de opções com diversos sites para o ensino da língua, porém, é no Youtube que, a partir de alguns vídeos já assistido, é possível notar que muitos professores se dedicam a ensinar o idioma com vídeo aulas incentivando o público a aprender a língua seguindo o conjunto de procedimentos

que sugerem. Além disto, se colocam na posição de professores amigos de sua audiência se mostrando acessíveis e dispostos a tudo que for possível para que seus alunos aprendam de “fato” a língua.

Silva (2019) explica que a plataforma Youtube foi criada em 2005 com o objetivo de facilitar o acesso à diversos vídeos na internet. Além de fácil acesso, é também simples criar algum conteúdo de vídeo e compartilhar com quem deseje assistir. Os criadores desses conteúdos são chamados de youtubers e é necessário apenas filmar e fazer o upload do vídeo desejado na conta da plataforma. Sobre a Plataforma Youtube e o termo youtuber, Junior e Silva (2020) explicam:

Com o passar dos anos novos termos emergiram dentro da plataforma, e esses termos começaram a ser usados para se referir a nichos específicos dentro do *site*. Um dos termos mais importantes foi o “*youtuber*”, palavra usada para se referir a pessoa que produz material audiovisual e compartilha nesse *site*. Podemos inferir que as terminologias criadas foram fruto da tentativa de acompanhar a diversidade de conteúdo audiovisual hospedado diariamente. (JUNIOR & SILVA, 2020, p. 127)

Por essa facilidade, conforme explica Silva (2019) é possível encontrar vídeos de conteúdos variados, mencionado por Junior e Silva (2020) inclusive de pessoas que ensinam inglês. Estes mesmos autores explicam que conforme o Youtube foi evoluindo, as pessoas não apenas compartilham vídeos, mas transmitem seus estilos de vida para o mundo, expressando visões pessoais, crenças e contando suas histórias.

Neste contexto de ciberespaço, o professor, para Lévy (1999 p. 172) não pode ser um transmissor de conhecimento, mas é um incentivador da aprendizagem e conhecimento; ele é “um animador da inteligência coletiva” e sua responsabilidade é acompanhar e gerir a aprendizagem.

Mesmo que a publicação de Lévy (1999) tenha sido feita 8 anos antes da criação do Youtube, é possível perceber, por meio de vídeos assistidos, que muitos youtubers que ensinam inglês agem desta forma: incentivam seus “alunos” a não desistirem, a buscarem conhecimento e passam algumas dicas de seu próprio percurso de aprendizagem. Estes professores sugerem metodologias que podem, segundo eles, facilitar a aprendizagem. Muitos sugerem métodos inovadores, diferentes dos métodos tradicionais que existem de escolas de idiomas e escolas regulares, e garantem a aprendizagem.

Conforme relatado, a escola regular é conhecida por falhar em relação ao ensino da LE. As escolas de idiomas utilizam diferentes métodos para ensiná-la e afirmam que suas metodologias são eficazes, utilizando recursos publicitários diversos. Contudo, a vida tecnológica do presente século propiciou o surgimento de uma alternativa às escolas regulares e de idiomas: o Youtube, onde muitos professores youtubers incentivam o público a assistirem seus vídeos ou até mesmo comprar seus cursos para aprender inglês.

Barcelos (2011) apresenta dados de alunos do curso de Letras que dizem não ter aprendido inglês na escola regular e afirma ainda que existe a crença que os professores de escolas regulares não sabem inglês e a crença que escolas de idiomas podem suprir essa deficiência de ensino ou que não escola “apenas” se aprende o verbo *to be*.

O pós-método não é um método a seguir em sala de aula, mas apresenta princípios para o ensino. De acordo com esses princípios, organizados em macroestratégias, ideia geral sobre o ensino de alguns aspectos da língua, e microestratégias, materialização em sala de aula da macroestratégia, as atividades para ensinar a língua que o vídeo “Verbo To be – aprenda de vez essa joça” será analisado.

A macroestratégia selecionada foi ativar a intuição heurística por ser o princípio que enfatiza o ensino da estrutura da língua. O professor, autor e apresentador do vídeo não fala em nenhum momento que ele utiliza os princípios do pós-método, porém, esta é a teoria mais recente para o ensino de LE, por isto o vídeo, também atual, será analisado de acordo com estes princípios.

### **3. Análise da microestratégia utilizada no vídeo: Verbo *to be* – aprenda de vez essa joça, de Mairo Vergara**

#### **3.1 Apresentação do autor e do vídeo**

O autor do vídeo “Verbo to be – aprenda de vez essa joça” é Mairo Vergara. Ele explica em seu site, Vergara (2015), como aprendeu inglês, começando pelo japonês, quando foi morar no Japão e se sentiu frustrado por não conseguir entender muitas coisas, apesar de ter estudado no Brasil. Desta forma, ele explica

quem quando voltou para o país começou a pesquisar sobre métodos de ensino de LE e percebeu que os métodos que utilizada eram ineficazes.

À vista disso, Vergara (2015) conta que no mesmo período começou a estudar inglês e decidiu se dedicar a este idioma, pois tinha mais contato com conteúdos na língua. Porém, ele mudou a forma de estudo, com métodos que ele acreditava lhe darem mais resultados. Ele explica:

De fato eu nunca estudei inglês do modo que estudava japonês. Eu nunca usei um livro didático, nunca fiz exercícios, nunca estudei gramática, nada disso. Meu estudo do inglês consistia basicamente de “devorar conteúdos em inglês”. Eu lia centenas de sites em inglês e escutava horas e horas de conteúdos em inglês, principalmente *podcasts* e vídeos no Youtube. Com isso eu fui criando uma base muito forte de inglês, focada na compreensão oral e na leitura. E isso aos poucos se refletia na minha fala e na minha escrita. Eu podia, às vezes, não saber explicar um ponto gramatical ou até ir mal em uma prova (de gramática), mas na hora de entender e me comunicar eu ficava cada vez melhor! (VERGARA, 2015, s.p)

Vergara (2015) conta que aos poucos foi se aperfeiçoando com esta forma de estudo e conseguiu atingir um nível avançado da língua inglesa. Ele se formou em Letras em 2008, segundo o site Escavador (2021), na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Após sua graduação, começou a ensinar em escolas de idiomas, que segundo ele, utilizavam métodos ultrapassados de ensino e por isto decidiu ser tradutor e por fim, anos depois, decidiu criar conteúdo para ensinar inglês no Youtube, utilizando seus métodos e suas técnicas, que deram certo quando ela aprendeu o idioma.

No momento, Mairo Vergara tem mais de 1200 vídeos em seu canal no Youtube. Sendo estes de explicações de conteúdo, dicas para aprender o idioma e depoimentos de alunos que fizeram seu curso. Os vídeos do Youtube são de acesso gratuito, porém, o seu curso custa aproximadamente 2 mil reais e pode ser feito em 6 meses. No ano de 2018, o Hotmart, site de vendas de produtos on-line, contabilizou que Mairo Vergara foi o maior vendedor de cursos on-line, segundo o site Buzzsprout (2021).

O vídeo de análise se apresenta na plataforma Youtube da seguinte forma:



Imagem 1

Em seu canal, Vergara tem 2,5 milhões de inscritos, este vídeo tem 4.492.262 visualizações, 233 mil gostaram do vídeo e 8,1 mil não gostaram. Logo abaixo do número de inscritos está a descrição do vídeo, que é um resumo do conteúdo explicado no vídeo.

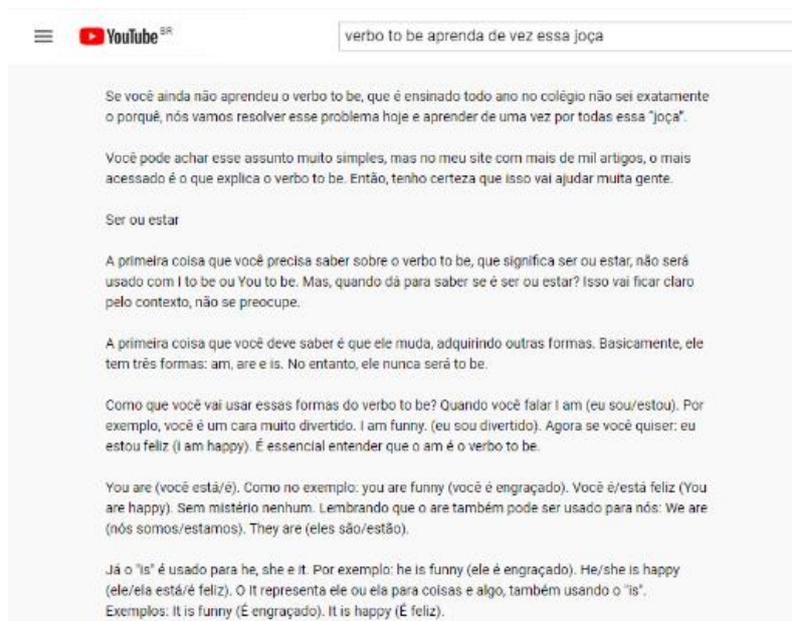


Imagem 2

### 3.2 Microestratégia utilizada para ensino do verbo *to be*

No início do vídeo Vergara (2018) contextualiza o conteúdo dizendo que o verbo *to be* é ensinado todos os anos na escola, focalizando que em todas as séries ele é visto. Logo em seguida ele apresenta a pronúncia que afirma se a correta para *to be*, mas diz que vai continuar pronunciando de outra forma porque acha mais legal. Ele diz que muitos podem considerar o conteúdo muito básico, mas no seu site o post mais acessado é sobre o verbo *to be*, por isto ele sentiu a necessidade de fazer o vídeo.

Em seguida, Vergara (2018) declara no vídeo:

Se você não aprendeu essa joça, no vídeo de hoje a gente vai resolver o seu problema e decodificar, aprender de uma vez por todas o maldito verbo *to be*.

Assim, ele promete e garante que a pessoa assistindo irá aprender.

Foram transcritas apenas as explicações que ele faz com relação ao conteúdo, foram retirados comentários, por exemplo, “coloca aqui na tela”, entre outros. A transcrição é apenas para entender a explicação do professor, por isso a pontuação foi inserida apenas para auxiliar a leitura.

Também não foram transcritas a forma como Vergara (2018) fala em alguns momentos utilizando expressões como “mema”, “memo”, “cê”, “tô”, pois o objetivo deste trabalho é analisar como é a explicação do verbo *to be*.

A expressão gramática foi utilizada quando se trata da explicação das regras da língua, conforme Kumaravadivelu (2003) menciona que é o termo conhecido por professores e aprendizes de LE quando se trata do estudo da estrutura. Além da explicação oral sobre o verbo *to be*, Vergara (2018) mostra sua conjugação de forma escrita, na tela.

Para iniciar o conteúdo em si Vergara (2018) começa com o que ele chama de “dica de inglês”. Ele explica o que classifica como primeira parte:

Primeira coisa que você que saber sobre o verbo *to be* é que embora o verbo seja *to be* você não vai falar eu, I em inglês, I *to be*, você, you, you *to be* ou ele, he, né he em inglês, he *to be*, ou nós, we, we *to be*, não, você não vai falar you *to be*, I *to be*, we *to be*, he *to be*, *BAM*, tá errado (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Nessa primeira parte, da sua microestratégia para ensino do verbo *to be*, o youtuber explicita a regra de conjugação verbal. Explicando que apesar do verbo ser *to be*, não se usa nesta forma com os sujeitos (I, he, you, we). Ele não apresenta exemplos contextualizados ainda. Na macroestratégia de ativação da heurística intuitiva Kumaravadivelu (2003) deixa claro a importância de primeiro apresentar o contexto e depois, conforme a necessidade explicitar a gramática.

Continuando a explicação Vergara (2018) fala:

O verbo *to be* ele é peculiar pelo primeiro motivo: ele significa ser ou estar. Então no português a gente tem eu sou, eu estou, em inglês é mesma coisa. Ah como é que eu vou saber Mairo quando ele tá falando ser, quando e tal. Você vai saber pelo contexto, isso não vai ser um problema para você entender, então essa parte não se preocupe (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Nesta parte da explicação o professor compara a língua inglesa com a língua portuguesa. Esta é uma relação importante, visto que o aluno já tem conhecimento da estrutura na sua língua. E Kumaravadivelu (2008) afirma que a língua materna deve ser uma aliada no ensino da LE, pois é sistema conhecido pelos alunos e deve ser aproveitada como suporte para o ensino da outra língua. É possível ainda perceber que o professor youtuber diz que o quando saber se é ser ou estar será possível pelo contexto e o aluno não deve se preocupar.

Todavia, o professor Vergara (2018) não apresenta exemplos e não menciona uma situação real onde o verbo será utilizado para comunicação significativa, princípio fundamental da macroestratégia para a ativação da heurística intuitiva. Ele também não deixou um momento para que os alunos, quem está assistindo pensasse e formulasse hipóteses sobre a gramática. Talvez por ser um público de alunos que não está interagindo no momento seja mais difícil deixar esse tempo para que os alunos criem suas hipóteses. Assim, não há um momento para desenvolvimento e compreensão da estrutura contextualizada. É apenas a gramática dedutiva e explícita.

A explicação continua:

Agora, o importante do verbo *to be* é que ele muda, como eu disse não é *to be*, *you to be*, *he to be*. Ele vai adquirir, adquirir? Se transformar, ter outras formas, basicamente o verbo *to be* [...] ele tem três formas, ele chama *to be* mas ele nunca vai ser *to be*. Ele chama *to be* mas ele nunca vai ser *to be*, as formas são: *am*, *are* e *is*. Já vamos treinar aqui a *pronunciation* da coisa: primeiro /æm/<sup>5</sup>, *ok /æm/*, é um “m” no final, então não é /eim/, não é /eim/, é “m” e tem que fechar a boca então você vai fazer assim: /æm/, /æm/, /æm/, fecha a boca e fica fechada mesmo, *ok /æm/*, essa é a primeira forma, tá aqui. Segunda forma /ar/, esse R de caipira mesmo [memo] do interior do Paraná; /ar/, /ar/, é fácil você consegue /æm/, /ar/, esse aqui é só o treino inicial /ar/, /ar/, e a terceira forma [...] /ɪz/, não é /is/, /is/ não é /is/, /is/, *he /is/* não é /i/, *nem /s/* é /ɪ/, /ɪ/, e /z/, /iz/, *z* mesmo, /iz/. Então, M fecha a boca, /ar/ interior do Paraná, /ar/ e /iz/, /iz/, essas são as formas do verbo *to be*. (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Nesta parte o youtuber faz uma explicação da pronúncia ressaltando a parte fonológica da conjugação do verbo *to be* (*am*, *is*, *are*). É interessante que Vergara (2018) não utiliza termos da gramática tradicional, como sujeito, verbo, conjugação. Por exemplo, em vez de utilizar a conjugação do verbo, ele fala que o verbo irá

---

<sup>5</sup> Transcrições fonéticas retiradas do site: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/am>. Utilizadas pois Vergava (2018) ensina a pronúncia nesse vídeo.

“adquirir, se transformar, ter outras formas”. É importante utilizar os termos gramaticais quando for pertinente para o aluno. Kumavadivelu (2003) fala sobre a gramática pedagógica, simplifica, com o objetivo que o aprendiz entenda e consiga se comunicar em um contexto real utilizando a estrutura.

Apensar de não utilizar os termos da gramática, na transcrição do vídeo acima é explicada a forma padrão das regras de pronúncia, sem mencionar se existe possibilidade da existência de variantes linguísticas das mesmas. Aqui também não estão presentes exemplos, o contexto de uso, que auxiliam o desenvolvimento da heurística intuitiva relacionada a compreensão das regras de uso na prática comunicativa significativa. Mais uma vez, Kumaravadivelu (2003) não condena a explicação explícita da gramática, desde que feita após uma apresentação na estrutura em seu contexto de uso real e significativo.

Continuando a explicação do verbo *to be*:

Essas são as formas do verbo *to be*. Como é que você vai usar as três formas do verbo *to be*? Primeira coisa quando você fala eu, I, você vai falar AM, então I AM, I AM fecha a boca, é o verbo *to be* com I, então é eu sou ou eu estou, vai depender do contexto para você saber se é eu sou, se eu estou mas é I AM. E esse AM, esse AM é o verbo *to be*, muita gente não sabe, muita gente, ah verbo *to be* aprendi na escola uma vez mas nem sei o que que é. Eu sei dizer I am fulano, eu sou fulano mas eu não sei o que é verbo *to be*. Não! Você sabe, o AM do I Am é a joça do verbo *to be*, mas você não fala I to be, você fala I am (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Aqui o foco está na estrutura, como nas explicações anteriores não aparece nenhum exemplo de contextualização real de comunicação. É apenas introduzido o sujeito eu (I), a pronúncia é relembra e enfatizada, como no início do vídeo, que não se usa I to be, mas sim I am. Um aspecto importante que o youtuber ressalta é que muitos alunos reconhecem e sabem fala I am, mas não sabe que o AM é a conjugação do verbo *to be*, motivando o aluno e fazendo com que este perceba que sabe, que conhece o conteúdo.

Depois desta explicação gramatical, Vergara (2018) apresenta alguns exemplos utilizando o verbo *to be*:

Por exemplo, você é um cara muito divertido, um cara divertido, engraçado, é um cara que é funny, funny, eu sou divertido, eu SOU divertido, I am funny, I am funny, eu sou divertido, olha que fácil gente o verbo *to be*, I am funny, ok? Agora se você quiser falar eu estou feliz, como que é feliz, happy, você fala I am happy. Então, I am funny, eu sou divertido, I am happy, eu estou feliz. Ah Mairo e I am happy poderia ser eu sou feliz? Sim, poderia também mas tudo depende do contexto e você vai pegar, o

importante é você sacar que é I am funny, I am happy e que o AM é o verbo to be. Segunda forma, are, bem caipira do interior do Paraná, /ar/, quando é que você vai falar are, quando você falar você, you, não é you to be, não é you am, é you are, ok? Você é ou você está. Seguindo a mesma lógica se eu falar, you are funny o que estou falando? Você é divertido, engraçado, you are funny, você é feliz ou você está feliz, como que é, you are happy, ok? You are happy, sem mistério nenhum. E aí além do you, você vai usar o are também quando você falar nós, we are, então you are, você é, we are nós somos ou nós estamos, ok? (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Nesta explicação, Vergara (2018) utiliza alguns exemplos de frases com o verbo *to be*, por exemplo, I am funny, you are happy. Não são frases extraídas de um contexto comunicativo real, porém, ele faz uma contextualização para apresentar a palavra funny, quando diz: por exemplo, você é um cara muito divertido, um cara divertido, engraçado, é um cara que é funny. Ele primeiro colocar a definição e depois apresenta a palavra. Todavia, continuar com as explicações gramaticais de conjugação do verbo, retoma pronúncias e continua a conjugação para outros sujeitos. Destaca-se que, novamente, ele sempre traduz todas as estruturas, todas as frases para o português.

Na continuação da explicação, o professor compara mais uma vez o inglês com o português, apontando que a primeira é mais simples com relação a conjugação verbal:

Olha como é muito mais fácil. Em português é eu sou, você é, ele é, nós somos, vós sei lá o que, they, eles, bugou minha mente, eles são, em inglês é you are, você é, we, we are, e eles, tem o eles também, they, they are, ok? (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Vergara (2018) traduz as expressões, compara com o português para mostrar para o aluno que a língua não é complexa, salientando a conjugação. Ele aproxima a gramática do aluno que até o momento não sabe o verbo *to be*, ou acha que não sabe, o faz de forma divertida e descontraída, mesmo que seja apresenta apenas a estrutura, sem um contexto, importante para a ativação da heurística intuitiva, em que o aluno analisa o contexto e entende o sistema sozinho. No vídeo o sistema é apresentado pelo professor.

A explicação sobre o you, we e they finaliza da seguinte forma:

Então quando for you, we e they, ah e inclusive o você do you pode ser vocês, também tá? Depende do contexto, então you are é você é, ou vocês são ou estão. Então tem you, tem o we e tem o they. (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Seguindo, Vergara (2018) apresenta a conjugação do verbo *to* para a terceira pessoa do singular:

O is você vai usar com *he, she* e *it*. Ou seja *he is, he is* que que é isso? Ele é, então quando for ele não é *he to be*, não é *he am*, não é *he are*, é *he is*. Ele é, ele é engraçado, *he is funny, he's funny*, ele é feliz, *he is happy*, mesma coisa para ela, *she, she is funny*, ela é divertida, engraçada, *she is happy*, ela é feliz. E por fim tem o *it*, que é uma palavrinha muito peculiar do inglês, que é o ele ou ela só que para coisas, quando você quer dizer alguma coisa é, mas essa alguma coisa não é ele não é ela, não é nem um homem, nem uma mulher, é tipo assim, algo é: *it is*. Inclusive no português a gente fala é engraçado, é divertido, a gente fala né? É engraçado, em inglês não eles não falam *is funny*. Não. Tem que falar sempre o pronome, o que que é, algo é. Então o nosso é engraçado, é feliz, eles falam *it is happy*, não, *happy* é feliz, *it is funny*, é engraçado, *it is happy*, ele é feliz. (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Neste trecho o professor youtuber explica sobre a conjugação do verbo *to be* na terceira pessoa do singular e explica o *it*, pronome neutro no inglês. Ele utiliza o mesmo padrão das explicações anteriores e quando fala sobre o *it*, fala que é peculiar e utilizado para coisas, facilitando a compreensão do uso, visto que é um pronome que não tem um equivalente exato no português.

Na sequência, Vergara (2018) revisa a conjugação do verbo *to be*, que aparece na tela, repete todas as formas: *I am, you are, we are, they are, he is, she is, it is* e suas traduções. Ele explica que o *am, is are* é o verbo *to*, mas afirma que não é necessário em pensar que é o verbo *to*, apenas saber *am, are* e *is*..

No final do vídeo ele faz a última explicação:

Para finalizar esse vídeo aqui, tem uma coisa que acontece, muito importante, com o verbo *to be* que você tem que saber, que é o seguinte: são as famosas contractions, as contrações. Porque assim, quando a gente fala, a gente fala rápido, a gente tenta encurtar. Então, [...] por exemplo, em português a gente não fala está, a gente fala "tá". Eu estou feliz, não, ah eu "tô" feliz, então a gente encurta as coisas, em vez de estou, a gente fala "tô". No inglês eles encurtam também, tem as contractions, as contrações (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Após esta contextualização de uso das contrações, Vergara (2018) menciona as contrações do verbo *to be* (*I'm, you're, he's, she's*) e enfatiza que os americanos utilizam estas formas para falar. Ele utiliza o mesmo padrão de explicação do início do vídeo: apresenta as contrações e em seguida a pronúncia. Os exemplos são parecidos com os anteriores que utilizam as palavras *funny* e *happy*. Ele faz uma contextualização de uso das contrações, e uma explicação sobre como falantes

nativos da língua utilizam a estrutura, porém não são apresentados outros exemplos e um contexto significativo de comunicação real.

Como sugestão de aprendizagem, o youtuber fala:

Concluimos aqui o nosso vídeo incrível sobre o verbo to be. Espero que tenha tirado essa dúvida da sua cabeça, é muito mais simples do que parece. Claro que, você tem que praticar, não adianta só, ah beleza, o Mairo explicou, eu entendi, se você não treinar, se você não andar pela sua casa feito um maluco, falando: he, he is funny, I am happy, I am funny, you, you are funny, we, we are funny, you are happy, we are happy. Se você não andar assim feito um malucão na sua casa treinando várias e várias e várias vezes ao longo de vários dias a coisa não vai (VERGARA, 2018, YOUTUBE).

Neste trecho o professor enfatiza a importância de treinar e praticar, repetindo a estrutura. E por fim, sugere um material, diz que o link está na descrição do vídeo, com o melhor material sobre o verbo to be.

A partir desta análise, é possível perceber que, a aula do youtube não segue os princípios do pós-método com relação a macroestratégia de ativação da heurística intuitiva. A gramática é explícita de forma dedutiva, sem exemplos de situações reais. Não existe a criação de um ambiente linguístico, conforme Kumaravadivelu (2003) pontua que é essencial.

Visto que é um vídeo expositivo, o professor não chama a atenção dos aprendizes para que percebam as características gramaticais da língua. Porém, apesar de um vídeo de explicação gramatical que se assemelha ao método de gramática e tradução, as pessoas que assistiram o vídeo comentaram de forma positiva e 233 mil pessoas afirmaram que gostaram do vídeo por meio dos “likes”.

Alguns comentários:



Imagem 3

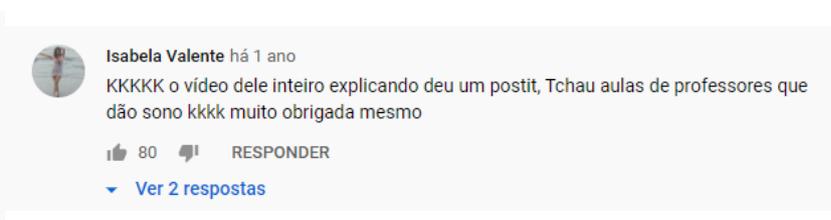


Imagem 4

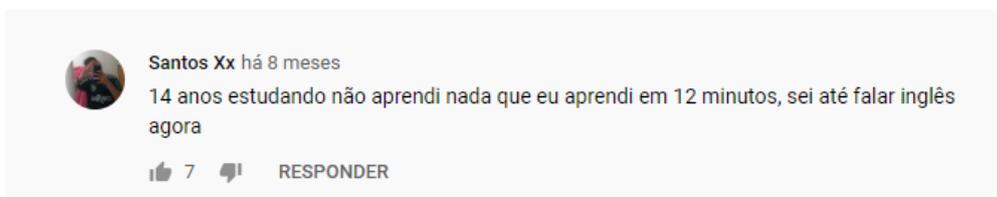


Imagem 5

Neste vídeo 233 mil pessoas marcaram que gostaram do vídeo. E muito dos comentários, assim como as imagens 1, 2 e 3 acima são comentários positivos. Os aprendizes comentam que aprenderam com o vídeo o que não aprenderam em mais tempo na escola regular. Porém, a partir da análise do conteúdo é possível perceber que Vergara (2018) utiliza uma forma de explicar muito próxima ao método tradicional de gramática e tradução, que resumidamente é apresentar a gramática de forma explícita, para o verbo *to be* e não trabalha com a ativação da heurística intuitiva. A diferença é que ele o faz de maneira descontraída e divertida, o que atrai as pessoas que assistem o vídeo.

O professor youtuber também mostra para quem está visualizando o vídeo que eles sabem mais do que imaginam e que possivelmente aprenderam e sabem usar o verbo *to be*, só não o reconhecem nesta forma. Por este fato, pode ser que muitos comentam que aprenderam em pouco tempo o que não aprenderam na vida toda, quando na verdade, este conhecimento estava armazenado, mas ainda não estava relacionado a forma infinitiva *to be* com as conjugações *am, is, are*. Por isto, pode ser que também gostaram da exposição da gramática explícita, pois já tinham exemplos contextualizado.

### Considerações finais

O ensino de Língua Estrangeira ocorre no Brasil, segundo Leffa (1999) desde que os jesuítas vieram para o país ensinar o português como LE. Desde então foram desenvolvidos métodos e abordagens para ensinar outra língua. Na década de 70, Barcelos (2011) explica que aumentou a quantidade de escolas de idiomas com o incentivo dos americanos para ensinar o inglês.

Todavia, com o surgimento de recursos tecnológicos, o ensino de LE não se restringe à sala de aula física, sendo ensino à distância de forma on-line em diversas

plataformas. Dentre diversos conteúdos, o Youtube apresenta muitos vídeos de professores de inglês que ensinam a língua de forma gratuita.

Nesta plataforma, após ter acesso aos vídeos expostos, é possível perceber que os “alunos” têm contato virtual com os professores, podem aprender a língua inglesa, estruturas, expressões, etc. e também entrar em contato com as experiências pessoais de aprendizagem apresentadas pelos youtubers. E para quem se interessar, muitos professores oferecem seus cursos em outra plataforma online, cursos geralmente pagos.

Mairo Vergara (2018) é um professor youtuber que apresenta vídeos no Youtube com conteúdos para aprender o inglês. Em seu site, ele afirma que seu método é inovador e garante que os alunos aprenderam de uma vez por toda a língua.

Desde o surgimento do ensino de LE, surgiram os mais variados métodos para ensinar. A mais recente proposta que fundamenta o ensino de LE é o pós-método de Kumaravadivelu (2003) e Kumaravadivelu (2008). O pós-método segundo a autor não é um método alternativo, mas uma alternativa aos métodos, que segundo ele não devem mais ser utilizados, devido a sua baixa ou nula eficiência. O autor apresenta princípios de ensino, divididos em parâmetros, macroestratégias e microestratégias.

Os parâmetros representam a visão geral do ensino de LE, mas macroestratégias são as especificidades para ensinar diferentes aspectos da língua e as microestratégias as ações pedagógicas de sala de aula, a materialização da macroestratégia em explicações do professor e atividades realizadas pelos alunos.

Neste trabalho, foi analisado um vídeo de uma aula de um professor youtuber sobre o verbo *to be* e se sua aula segue a macroestratégia para ativar a intuição heurística. Para ativar a intuição heurística, primeiramente o aprendiz da LE deve entrar em contato com diferentes exemplos do conteúdo a ser aprendido e criar hipóteses sobre as regras, hipóteses que podem ser confirmadas ou não. Os exemplos devem ser contextualizados de forma que o aluno perceba a utilização da língua em um contexto significativo de uso real. Neste caso, a explicação indutiva é o que vai de encontro com a ativação da heurística intuitiva.

Não obstante, Kumaravadivelu (2003) afirma que as regras podem ser explícitas sim, de forma dedutiva, porém, devem ser feitas após o ensino indutivo e as duas explicações devem estar balanceadas. Neste sentido, é importante que o

aluno primeiro perceba as características gramaticais para aumentar sua consciência linguística e desenvolver uma competência gramatical, em que usa as estruturas para uma comunicação real e contextualizada e significativa e não apenas saiba explicitar regras da estrutura.

Kumaravadivelu (2003) não vê problema em falar sobre as regras de forma explícita. Porém, o aprendiz precisa saber utilizar a estrutura para se comunicar e negociar sentidos.

Com relação a microestratégia para ativação da intuição heurística, pôde-se perceber com a análise do vídeo “Verbo *to be* – Aprenda de vez essa joça” de Mairo Vergara (2018) foi possível perceber que não ocorre a ativação da heurística intuitiva, o professor apenas explica a conjugação do verbo, sem exemplos contextualizados ou situações significativas de negociação de sentido.

A explicação começa com a conjugação do verbo na primeira pessoa do singular (I am) passando para a primeira, segunda e terceira pessoa do plural (we, you, they are), com foco que you pode ser singular ou plural e por fim explica a terceira pessoa do singular (he, she, it is). Após cada conjugação é explicitada a pronúncia e todas as frases são sempre traduzidas para o português.

Alguns exemplos são feitos utilizando as palavras *funny* e *happy*, em frases como *I am funny*, *I am happy*, *he is happy*, *we are funny*. Para finalizar são explicadas as contrações da língua e Vergara (2018) enfatiza que se não houver a repetição da estrutura não será possível realmente aprender. É possível afirmar que após a análise do vídeo, a explicação está muito próxima aos métodos de gramática e tradução, que utiliza conjugações, traduções e repetições de padrão para aprender.

Apesar de não utilizar princípios para a ativação da heurística intuitiva, muitas pessoas responderam de forma positiva ao vídeo, dizendo que aprenderam em 12 minutos o que não aprenderam em muitos anos na escola. Isto deve-se ao fato do youtuber explicar de forma descontraída e divertida. E também, porque ele aponta que os alunos podem até conhecer o verbo e seus usos, mas podem não saber que ele se chama *to be*.

Sendo assim, muitos podem até ter em suas memórias a estrutura, que quando é explicitada pelo professor eles conectam os exemplos que já conhecem. A explicação de Vergara (2018) é pertinente e boa quando se trata de explicitar a gramática, mesmo que não utilize os princípios de ensino do pós-método.

## Referências

BARCELOS, Ana Maria **"Eu não fiz cursinho de inglês": reflexões acerca da crença no lugar ideal para aprender inglês no Brasil.** In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira (Org.). *Linguística Aplicada: reflexões sobre ensino e aprendizagem de língua materna e língua estrangeira.* Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 297 – 318.

BROWN (2002) BROWN, H. Douglas. **English Language Teaching in the "Post-Method" Era: Toward Better Diagnosis, Treatment and Assessment.** In: *Methodology in language teaching.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOTMART, Firecast. **O maior vendedor de cursos do Hotmart. Disponível em:** <<https://www.buzzsprout.com/282502/2718502-mairo-vergara-o-maior-vendedor-da-hotmart-o-que-ele-fez-para- virar-top-1-fire-festival-2018>>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to postmethod.** 3 ed. New Jersey: Taylor & Francis e-Library, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Beyond Methods: microstrategies for language teaching.** Yale University: Yale Language Series, 2003.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional.** Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

\_\_\_\_\_. **Língua Estrangeira.** Universidade Católica de Pelotas: Educat, 2016.  
LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCUSCHI, L.A. **Apresentação: interação na Internet.** In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SILVA, Jane Magareth Brito. **Plataforma Youtube como ferramenta para o ensino de Biologia.** Tese. Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, 2019. 133 f.

SILVA, Márcia Aparecida; JUNIOR, Izidio Dias de Carvalho. **Youtube como rede social: contribuições da plataforma para aprendizagem de Língua Inglesa.** Percursos Linguísticos, v.10, n.24, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/28964>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

VERGARA, Mairo. **MairoVergara.** Disponível em: <<http://www.mairovergara.com/>>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Mairo Cavalheiro Vergara.** Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/762239/mairo-cavalheiro-vergara>>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Verbo to be – aprenda de vez essa joça.** Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2Wig3XCO\\_cs&t=34s](https://www.youtube.com/watch?v=2Wig3XCO_cs&t=34s)>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.